



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Experiências em Educação do Campo: perspectivas e práticas pedagógicas Sinop, v. 7, n. 3 (20. ed.), p. 1205-1218, ago./dez. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN*¹

Lucimara Cristina de Lima Hermes

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este artigo expõe um estudo realizado com crianças com Síndrome de *Down* na educação infantil que teve como objetivo compreender sob que condições a dança pode contribuir no desenvolvimento dessas crianças. Durante a observação, conheceu-se as práticas de dança que envolviam as crianças neste espaço e as atividades das professoras das turmas ao desenvolverem as aulas. A pesquisa fundamentou-se por uma metodologia qualitativa que através da coleta de dados, com observação e entrevista, possibilitou um diálogo de grande relevância com vários autores, onde se pode encontrar respostas a amparar os resultados alcançados que serão apresentados neste trabalho.

Palavras-chave: Síndrome de *Down*. Dança. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

Durante momentos vivenciados no curso de Pedagogia, algumas inquietações a respeito da educação especial foram relevantes para a realização desta pesquisa. Foi possível conhecer a realidade de algumas escolas de Sinop, bem como identificar algumas dificuldades encontradas por profissionais da educação, em

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA VOLTADA AO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN* NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob a orientação da professora Dra. Sandra Luzia Wrobel Straub, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2016/1.

relação ao acompanhamento e desenvolvimento de crianças com necessidades educativas especiais, que frequentam as escolas regulares.

Deste modo comecei a buscar estudos na área da educação especial, em prol de conhecer maneiras de se trabalhar com as crianças com Síndrome de *Down*, de modo significativo no ambiente escolar. Conforme leituras foram sendo realizadas a pesquisa foi surgindo, com o objetivo de compreender sob que condições a dança pode contribuir no desenvolvimento de crianças com Síndrome de *Down* na educação infantil.

Para dar continuidade à pesquisa, foi verificado junto à Secretaria Municipal de Educação quais instituições tinham no período de agosto de 2015, matrículas de crianças com Síndrome de *Down*. Foi encontrada uma instituição, Escola Municipal de Educação Infantil, localizada na área urbana de Sinop/MT, que possuía duas crianças com *Down*, que estavam frequentando regularmente as aulas. Dentre estas crianças, fizeram parte desta pesquisa duas crianças com Síndrome de *Down*, que serão identificadas no decorrer do texto por criança A (C.A) e criança B (C.B) respectivamente, assim como as docentes dessas crianças serão denominadas de professora A e professora B.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Buscou-se leituras em autores como: Pueschel (2005), Campbell (2009), Vargas (2009), Figueira (2015), dentre outros de imensa importância, que auxiliaram a evidenciar se a dança que já é utilizada em inúmeras atividades de motricidade, equilíbrio, ritmo pode ou não contribuir para uma aprendizagem mais prazerosa às crianças com *Down*, não somente no âmbito educacional, de modo a auxiliar a mesma no seu desenvolvimento pessoal.

Os caminhos metodológicos desta pesquisa, partiu da investigação, observação e participação no processo de coleta de dados. Vale ressaltar que as falas aqui presentes foram coletadas com a autorização das professoras e a utilização das mesmas foi cedida por meio de documentos assinados, onde as mesmas participaram de entrevista com roteiro de perguntas semiestruturadas, que de acordo com Triviños (1987, p. 146) elucida que:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. [...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade.

Rosa (1998, p. 60) em seus escritos detalha que “o papel da escola é proporcionar aquelas condições que possibilitem ao aluno a apropriação e re-criação de conhecimentos. Ou ainda, de habilitá-lo a fazer ponte entre a tradição cultural herdada e sua potencial capacidade de contribuir criativamente com ela”, assim esta pesquisa buscou conhecer o espaço escolar de ensino regular na educação infantil bem como compreender como as relações de aprendizagem envolvendo a dança e as crianças com Síndrome de *Down* ocorreram durante o período de pesquisa.

Espera-se contribuir para ações positivas no meio educacional e social de maneira relevante. Deste modo, convido aos leitores dividir por meio de sua leitura meus momentos sentidos e vivenciados na busca do aprender, para melhor compreender as realidades no ambiente educacional que diretamente estaremos relacionados durante a jornada profissional.

3 CAMINHOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL À EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Dentre as leituras realizadas, foram vários os momentos em que problemáticas a respeito da educação especial ficavam evidenciadas por meio dos confrontos de ideias em discussões educacionais, com foco sobre as reais necessidades da educação especial, em relação aos impasses presentes nos cotidianos escolares, sendo conhecidos por nós na universidade.

Para compreender estas dificuldades foi importante retomar ao percurso histórico, realizando uma busca da aceitação até chegar a aquisição do respeito, diante de condições especiais de educação, assim Aranha (2006, p. 19) salienta que, “Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós e a cultura a que pertencemos”.

Para esse entendimento propõe uma busca de saberes, que nos dias atuais se faz presente e ainda encontra-se em reorganização no sentido da compreensão, do como ensinar crianças com necessidades educativas especiais (NEE), de maneira a atender suas necessidades respeitando-as como pessoas de direitos.

3.1 A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Não é de hoje que as diferenças existem no meio social, exigindo olhares a serem questionados, revistos e modificados em prol de contribuir para um convívio social harmonioso. Ao retomar a história através dos tempos, é possível conhecer que as limitações e obstáculos encontrados atualmente na área educacional, são apenas uma ponta dos obstáculos de sobrevivência e convivência social, vivenciados por estas pessoas diante das raízes históricas e culturais pelas quais perpassaram a humanidade.

Ao longo da história a imagem não conhecida das pessoas com necessidades especiais, quando eram apresentadas ao grupo, causavam estranheza em relação a serem consideradas diferentes da sociedade, e conseqüentemente fortaleciam momentos de práticas discriminatórias e excludentes como afirma Figueira (2015, p. 23):

Nas antigas civilizações e em algumas sociedades tribais, acontecia a prática de eliminação pura e simples de seus membros que nasciam ou adquiriam deficiência por meio de doenças ou acidentes de caça. Usavam como argumento para o sacrifício a ideia de que o indivíduo iria sofrer ao longo de sua vida as condições precárias de época, além da eliminação a vítima em função da coletividade. [...] um sujeito com qualquer situação de diferença, nunca seria um bom caçador, não poderia ir para o campo de batalha, não era digno de uma esposa nem de gerar novos e bons guerreiros.

Conforme a sociedade de determinada época passou a enxergar o outro como seres humanos dignos de serem vistos, as opiniões se modificaram e também as atribuições e termos que definem estas relações dentro de um mesmo contexto social foram tomando formas. Neste contexto conforme Campbell (2009, p. 133) relata que “algumas escolas especiais são instaladas para atender apenas alunos de um determinado tipo de deficiência, isto é, alunos deficientes mentais, ou alunos deficientes auditivos ou deficientes visuais etc.”

Assim lhes eram reservados espaços segregados, onde o objetivo não era assegurar o direito a nenhuma aprendizagem e sim conduzir a uma espécie de reabilitação, como se fossem melhorar após algum tempo para retornar ao convívio do grupo social, sendo uma maneira de fingir que havia proposta da educação naquele momento como afirma Campbell (2009, p. 133):

As atenções recaíam mais em patologias do que na educação propriamente dita ou nos recursos necessários que conduzissem à aprendizagem [...] em muitos casos, a escola especial desenvolvia um regime de internato que privava o aluno do convívio familiar e limitava as interações da vida em sociedade.

Conforme a sociedade foi se moldando, as questões referentes ao que de fato seria uma educação especial de qualidade, foram adquirindo voz, por meio de campanhas, mobilizações dos direitos humanos visando um objetivo, adquirir legalidade e respeito aos direitos humanos com o amparo de documentos que foram sendo discutidos e determinados com o passar dos anos, como Mazzota (1982, p. 10) apresenta:

A educação especial está baseada na necessidade de proporcionar a igualdade de oportunidades, mediante a diversificação dos serviços educacionais, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos, por mais acentuadas que elas sejam. Nesse sentido, ela representa um desafio aos educadores para encontrar caminhos e meios, estabelecer uma política de ação e criar facilidades para a provisão de recursos educacionais apropriados a todos os educandos.

Contudo pode-se observar que as diretrizes, resoluções, leis, sancionadas até o momento para a educação especial, estão organizadas sob a ótica da educação inclusiva de acordo com o contexto social, cultural e político de cada época em que as mesmas foram estabelecidas.

3.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Atualmente existe uma constante transformação no campo educacional. É possível ver uma mobilização, por parte dos sujeitos atuantes em prol do processo de inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no ensino regular. Há que se levar em consideração, que mesmo com os amparos por lei serem

determinados, é frequente encontrar profissionais despreparados para atuar com os diferentes tempos de aprendizagem em um mesmo espaço educacional.

Pode-se observar esta preocupação na fala de uma das professoras da instituição municipal de ensino, participante de nossa pesquisa, em que mesmo contando com sua formação profissional, elucida que conhecer sobre o assunto não garante que seja possível já se encontrar preparado para ensinar uma criança com NEE:

(01) Professora A: [...] eu fiz pós em psicopedagogia, porém não fiz ainda nenhum curso específico sobre síndrome de *Down*, uma porque nem sei se tem, tem? Se souber me avisa, porque tanto na graduação esses temas sobre deficiências e inclusão são novos e as vezes a gente nem sabe que tem. Tanto é que quando me deparei na minha turma com a C.A fiquei me perguntando como seria se ia dar conta, mas está sendo bem interessante.

O depoimento da professora mostra o despreparo dos profissionais da educação no trabalho com crianças com necessidades especiais. Do mesmo modo isso não impede que as instituições e educadores em conjunto, utilizando as políticas públicas sobre educação inclusiva, possam se mobilizar para procurar atender com qualidade às crianças que dela fazem parte.

Mesmo que certas limitações existam e bem entendemos que essa construção vem de longos tempos, é importante compreender que as dificuldades não podem ser deixadas de lado. Neste sentido verificou-se na escola, em que desenvolvemos a pesquisa que existe essa preocupação da inclusão das crianças com necessidades educativas especiais.

A criança que possui uma NEE, neste caso as que possuem a Síndrome de *Down*, devem ter oportunidades de interações na sociedade em geral e também na escola com crianças da mesma idade que não possuem a síndrome. A respeito dessa interação a professora, sujeito de nossa investigação, elucida que:

(02) Professora B: [...] a criança da sala que tem a síndrome de *Down* ama música e dança, é incrível como ele participa e desenvolve as atividades que envolve dança. Ela fica muito feliz em poder participar, isto é, a auto - estima e socialização com as

demais crianças e até com os professores passou a ser desenvolvida através destes momentos em que proporcionamos [...].

Esse contato enriquece a aprendizagem, desenvolvendo pessoas com um olhar natural, sem (pré) julgamentos. A criança quando é respeitada não precisa se adequar aos outros, porque estando em ambiente propiciador de seu desenvolvimento a todo momento receberá estímulos para que ela se desenvolva de forma total

4 UNIVERSO DA SÍNDROME DE DOWN

Em Pueschel (2005) pode-se verificar que embora sua existência seja antiga, somente em 1866, com os estudos do médico inglês John Langdon *Down*, sobre o que ele considerava como uma 'raça primitiva, mongóis idiotas', foi possível iniciar uma atenção para o entendimento de quem era essa pessoa, quais suas características e semelhanças com a sociedade da época.

Campbell (2009) observa que é mais fácil visualmente, identificar crianças com a Síndrome de *Down* por possuírem características físicas semelhantes e até mesmo outras características de patologias que se assemelham. Porém não é porque possuem uma síndrome igual que suas características genéticas, bem como sua personalidade e convivência social serão idênticas. Elas são diferentes como a de qualquer outra criança, que necessita de atendimento de acordo com sua necessidade, possui sentimentos sendo capaz de sentir, realizar-se ao longo da vida como qualquer outra.

A criança C.A, por exemplo, participante de nossa pesquisa, embora seja da mesma idade da C.B, demonstra ser mais ativa e dinâmica durante o período em que está no espaço de educação infantil. Embora ambos estejam desenvolvendo a fala ainda, a C.A gesticula mais e participa mais das brincadeiras e de momentos de ludicidade dentro e fora da sala.

Vygotsky (1991, p.114), escreveu sobre a importância do brincar para os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança onde observa que "através desse ato que a criança reproduz experimentações e vivências que percebe do mundo exterior, e, ainda que pode relacionar-se com outras crianças, [...] o ato de

brincar é de suma importância no desenvolvimento e aprendizado da criança”. A criança com *Down* necessita do olhar ativo que esteja disposto a desenvolver atividades inclusivas, buscando alternativas para desenvolvimento delas auxiliando na construção da sua participação social.

5 ASPECTOS DA DANÇA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM *DOWN* NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dentre as várias práticas pedagógicas conhecidas e desenvolvidas nas instituições escolares com objetivo de auxiliar a criança a se desenvolver em sua totalidade, destaca-se neste texto o movimento do dançar. Este dançar constitui não somente o movimento métrico e sistemático como ocorre em algumas tendências de dança, porém, se apresenta com uma ampla diversidade de ações e sensações constituídas no decorrer de décadas de construção e desconstrução, que se modificam de acordo com as mudanças sociais.

Desse modo, não sendo a dança um ato isolado das realidades educacionais e familiares, mantendo-se viva através dos tempos, se reinventando nos permite na atualidade elaborar uma prática dinâmica, lúdica com reações satisfatórias em prol de contribuir para o desenvolvimento educacional das crianças com Síndrome de *Down*.

Vargas (2009) apresenta que a dança produz expressão corporal utilizando movimentos que sempre expressam ritmos, sentimentos e descobertas com o ato de comunicar-se com o outro, utilizando apenas o seu próprio corpo, suas próprias emoções. Neste sentido, o dançar é muito mais do que movimentar braços e pernas sob o estímulo de um ritmo qualquer de forma repetitiva, ela propõe um conhecer-se ampliando as capacidades do ser utilizando-se de algo que não precisa ser comprado apenas utilizado para expressar, o próprio corpo.

Dantas (1996) comenta que a criança usa o corpo para conhecer o que a cerca desde antes do nascimento, muito mais depois dele. Seus sentidos vão ao longo das experiências se desenvolvendo, atribuindo possibilidades grandiosas desde a breve execução de movimentos corporais até a autonomia de expressar-se da maneira que considerar viável usando apenas o ato de movimentar-se.

Sendo assim, ao observar os vários aspectos em que a dança ocasiona interesse e desenvolvimento por parte daqueles que decidem aceitar que seu corpo se movimente, abordar-se-á neste momento, que esse movimento quando utilizado como prática pedagógica pode alcançar resultados de amadurecimento corporal e desenvolvimento social para as crianças com *Down*.

5.1 A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para compreender o objeto de pesquisa que ora apresentou-se neste trabalho, inicialmente foi necessário identificar conceitos relacionados ao universo *Down*, sendo necessário fazer um contexto histórico sobre o processo da educação inclusiva, que trouxe contribuições significativas através de seus aspectos históricos, bem como elucidar o contexto do dançar a que nos propomos identificar.

O intuito foi demonstrar de maneira breve, que toda prática para ser realizada com sucesso, discorre de um comprometimento muito maior em suas abordagens do que o simples fato de realizar. Ou seja, ela é sempre carregada de sentido mesmo que estes objetivos não o estejam expostos de maneira clara ao longo dos momentos vivenciados. Neste sentido Sacristán (1999, p. 91) relata que:

A prática educativa é algo mais do que expressão do ofício dos professores, é algo que não lhes pertencem por inteiro, mas um traço cultural compartilhado. Assim como o médico não possui o domínio de todas as ações para favorecer a saúde, mas compartilha com outros agentes, algumas vezes em relação de complementariedade e de colaboração, e, em outras, em relação de atribuições. A prática educativa tem sua gênese em outras práticas que interagem com o sistema escolar e, além disso, é devedora de si mesma, de seu passado. São características que podem ajudar-nos a entender as razões das transformações que são produzidas e não chegam a acontecer.

As práticas pedagógicas na educação infantil são a todo momento revistas e articuladas em prol de contribuir para a criança se desenvolver. Amparada pelos seus direitos, a criança ao longo de sua historicidade de reconhecimento enquanto sujeito, está a todo momento construindo sua identidade e desenvolvendo sua autonomia. E a escola da pesquisa é bem organizada enquanto a respeitar estes direitos, e procura contribuir de forma significativa, propondo práticas que abordam temas transversais durante o período em que as crianças se encontram neste local.

As professoras comentam que a dança tem recebido atenção de maneira ativa tanto em seus planejamentos, quanto na instituição como forma de assegurar momentos de desenvolvimento para as crianças com *Down*. Sabe-se que enfrentam um desenvolvimento diferenciado das demais, devido a vários fatores que abordam aspectos orgânicos, emocionais bem como peculiaridades de suas relações interpessoais como qualquer outra criança na relação social. Por este motivo, é importante que o grupo escolar como um todo conheça e respeite as realidades das crianças, como meio de evitar causar situações de discriminação.

A dança não proporciona somente o desenvolvimento psicomotor da criança, propõe também mudanças educacionais que vai além do movimento. Como afirma a professora B, quando verifica que durante a utilização da dança passou a observar o envolvimento da C. B, que no início do ano quase não se comunicava verbalmente, somente por gestos indicando o que queria e negando o que não gostava. Conforme os momentos de dança passaram a ser utilizados com maior frequência, foi possível observar aumento do vocabulário, resultando em maior comunicação verbal, como podemos observar a seguir:

(03) Professora B: Nas experiências que tive até então, considero que as crianças com Síndrome de Down se envolvem nos momentos da dança, o sujeito da pesquisa se desenvolveu muito e participa destes momentos. Através da dança ele está aos poucos conseguindo cantar partes das canções, gosta de dançar, se expressando com gestos, ou seja, a dança proporciona para o ser humano (criança) um momento único que certamente irá contribuir e refletir para o seu futuro.

Cabe ao professor ajudá-la a se organizar da melhor forma possível, nas atividades desenvolvidas com a turma, pois a partir de uma boa ação pedagógica é admissível formar cidadãos ativos em uma sociedade independente e pensante, conforme Saviani (2003, p. 73) apresenta que:

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso

como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.

Para que as crianças consigam aprender e o professor alcance o objetivo esperado em seu plano de ensino, faz-se necessário que haja busca contínua dos direitos reservados às crianças, bem como ter práticas diferenciadas que proporcionem em seu cotidiano um ambiente sempre alerta a promover desenvolvimento infantil.

Identificamos que na instituição, embora ocorra fatos isolados de opiniões desfavoráveis à inclusão das crianças, todo o restante dos educadores ali presentes, sentem interesse em contribuir para o desenvolvimento das crianças com necessidades educativas especiais.

Conforme os dias iam passando, foi possível verificar que a C.B, embora inicialmente nas observações se encontrava receosa em movimentar-se, por algumas vezes até dormia no momento da dança, passou ao longo de dois meses, a participar mais efetivamente, criando movimentos que os colegas da turma pediam para a criança se podia fazer igual e ela concordava que sim, socializando.

Sem contar que sua voz começou a ser ouvida pois a C.B pouco se comunicava e através destes momentos se soltava mais e começou a falar pequenas frases e a gesticular menos em direção as coisas que queria, como por exemplo quando queria água mostrava a jarra com água e logo lhe davam, porém conforme os dias foram passando observou-se que ela passou a levantar e ir pegar sua água demonstrando maior autonomia do seu corpo. Começou a cantar pequenos trechos das músicas ouvidas e as vezes misturava partes de músicas com algo que queria dizer.

Assim a dança entrou neste contexto, como uma ferramenta possível de auxiliar neste processo ao qual a criança com *Down* se encontrava. Os momentos diferenciados dentro das rotinas educacionais já pré-estabelecidas, trouxe um ir e vir de sentidos e ações de movimentos no ato de dançar, que fizeram com que as crianças participassem de maneira efetiva e demonstrassem avanço no seu caminhar de aprendizagens.

Isso foi possível porque a prática da dança, não é uma ação estagnada, pelo contrário, ela se modifica e se reconstrói ao longo dos tempos. O que proporciona mobilidade na ação bem como acrescentar desafios pertinentes à busca da qualidade de ensino para crianças com síndrome de *Down*.

6 CONCLUSÃO

Em meio aos desafios de materiais sobre o assunto, tentando compreender essa realidade da inclusão, identificando as práticas e planejamentos abordados pelas docentes, foi possível encontrar dentro da realidade do EMEI (escola que nos acolheu de braços abertos), as alternativas que estão sendo desenvolvidas em busca não somente de acolher, mas de proporcionar compreensão e desenvolvimento para a criança com *Down*.

Foram tantos os momentos vivenciados, dentre todos eles fica a alegria de saber que foi bom pesquisar, mas que será ótimo saber, que talvez outras pessoas ao ler essas breves linhas, se sinta convidado a conhecer o universo *Down* e a tentar inserir a dança como prática em suas atividades com as crianças. Vale lembrar que os resultados podem variar e podem ser melhorados com a continuidade da ação pedagógica, basta buscarmos, basta tentarmos recriá-la.

Desse modo como futura profissional da educação, entendo que devemos sempre buscar alternativas diferenciadas, para não ser mais um entre muitos propagadores da exclusão das potencialidades destas crianças, se envolver é o primeiro passo. E a dança se apresenta como acolhedora e ao mesmo tempo instigante, que causa movimentação e por conseguinte desenvolvimento.

Não é um trabalho fácil, mas também não é impossível, basta decidir dançar não 'conforme a música' da exclusão, mas conforme a criação e recriação de movimentos que modifiquem a prática e, por conseguinte a vida dos conhecidos e desconhecidos *Downs* que há em nossa sociedade e que virão a fazer cada vez mais parte das realidades educacionais.

DANCE AS A PEDAGOGICAL PRACTICE IN CHILDHOOD EDUCATION WITH CHILDREN WITH *DOWN* SYNDROME

ABSTRACT²

This article shows a study carried out with children with *Down Syndrome* in childhood education that aimed to comprehend in which conditions dance can contribute to the development of those children. During the observation, it was possible to know the practices that involved children in this space and the activities of teachers of the classrooms in the development of classes. The research was based on a qualitative methodology that, through the collection of data, with observation and interview, enabled a greatly relevant dialogue between with many authors, where it was possible to find answers to support the results achieved which will be presented in this work.

Keywords: *Down Syndrome*. Dance. Childhood Education.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia:** geral e Brasil. São Paulo; Moderna, 2006.

CAMPBELL, Selma Inês. **Múltiplas faces da inclusão.** Rio de Janeiro; Wak, 2009.

DANTAS, M. F. **Dança:** forma, técnica e poesia do movimento. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FIGUEIRA, Emílio. **Psicologia e inclusão:** atuações psicológicas em pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

MAZZOTA, Marcos José da Silveira. **Fundamentos de educação especial.** São Paulo: Pioneira 1982.

PROFESSOR A. **Professor A:** entrevista. [17 jun. 16] Entrevistadora: Lucimara Cristina de Lima Hermes. Sinop, MT, 2016. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA VOLTADA AO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

² Resumo traduzido por Vinícius Dallagnol Reis. Graduado em Letras, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop. Atua na área de correção de textos em escola particular, em cursinho (PPE).

PROFESSORA B. **Professora B:** entrevista. [16 jun.16] Entrevistadora: Lucimara Cristina de Lima Hermes. Sinop, MT, 2016. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA VOLTADA AO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

PUESCHEL, Siegfried M. **Síndrome de down:** guia para pais e educadores. São Paulo: Papyrus, 2005.

ROSA, Sanny S. da, **Brincar, conhecer, ensinar.** São Paulo; Cortez, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** Campinas: Autores Associados, 2003

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. **Escola em dança:** movimento, expressão e arte. Porto Alegre: Mediação, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Correspondência:

Lucimara Cristina de Lima Hermes. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: lucimarahermes@hotmail.com

Recebido em: 29 de outubro de 2016.

Aprovado em: 26 de novembro de 2016.